

電影院 FICH 中國的

FESTIVAL INTERNACIONAL DE CINEMA CHINÊS E LUSÓFONO

CINEMA S.JORGE E CINEMATECA PORTUGUESA

EM LISBOA de 23 a 29 de Junho de 2014



A primeira edição do FICH tem extensões da programação às cidades de **Coimbra, Évora, Macau, Cabo Verde e Brasil**. Está **integrado no programa “Portugal-China: Encontro de Culturas 2013-2014”** organizado pelo observatório da china, com o apoio da uccla.

Objectivos

1º Dar a conhecer ao público português e lusófono o Cinema Chinês, aproximar as cinematografias de Portugal e dos Países Lusófonos da cinematografia chinesa; Com enfoque em objetos fílmicos, que trabalhem a realidade chinesa no espaço da lusofonia.

2º Inscrever na Agenda Cultural anual da cidade de Lisboa um Festival de Cinema Chinês com as características anteriormente definidas.

Filmes

1. Os filmes presentes no festival, **filmes de ficção, de documentário, longas e curtas metragens**, resultam da decisão do Júri de selecção do festival dos filmes inscritos online no site do FICH e de convite directo por parte dos programadores.

2. O **FICH** é organizada em 3 categorias/géneros: Longas Metragens de ficção; Curtas Metragens de Ficção; Documentários. Os filmes destas 3 categorias são organizados em 3 secções.

2.1 O **FICH** também organiza, em cada edição, ciclos temáticos. Exemplos: a música no cinema da China, artes marciais, comunicação política, o cinema e a pintura, o cinema épico, história do cinema chinês, etc

3. **Secção 1: China país multi-cultural e multi-étnico:** Nesta secção é dada particular atenção ao cinema documental que tem vindo a ser produzido com aproximações à antropologia cultural, bem como ao cinema de ficção, que nos seus temas retrata conflitos do quotidiano com origem em interações sociais e individuais de culturas diferenciadas. São também, necessariamente, objecto da programação desta secção, trabalhos cinematográficos que nos confrontam e mostram a ancestral, milenar, história e cultura chinesas.

Secção 2: Macau: A cidade onde Portugal e China coabitam. Nesta secção é dada particular atenção ao cinema documental e de ficção, que tem vindo a ser produzido sobre a cidade de Macau e na própria cidade de Macau, bem como na especificidade da RAEM enquanto cidade ponto de encontro do Ocidente com Oriente e, em particular, entre a China e os Países Lusófonos.

Secção 3: A Indústria Cinematográfica Contemporânea na China e nos Países Lusófonos de Ambiência Chinesa: o cinema chinês, como a sociedade chinesa em geral, encontra-se num processo acelerado de mudança. O cinema produzido na China tem passado por diferentes fases que, grosso modo, podem ser diferenciadas entre uma produção fortemente institucional e um cinema independente, de autor, aberto a questões formais e narrativas que se inscrevem directamente nas dinâmicas sociais contemporâneas. Como é e para onde aponta o novo cinema chinês? Como é vista a China a partir dos países lusófonos?

Colóquios

Paralelamente à exibição dos filmes, são organizados 3 colóquios, cada um com 3 convidados e um moderador, abertos ao público e à comunicação social, cujos temas são os das secções e do ciclo temático:

Colóquio 1: Olhares sobre a China, Terça-feira, dia 24, pelas 18h. Com a participação de Manuel Carlos Piteira, Miguel Castelo Branco e Rui d'Ávila Lourido.

Colóquio 2: Cinema na Arte Contemporânea – Videoarte na República Popular da China, Quinta-feira, dia 26. Moderadores: José Bragança de Miranda. Intervenientes: António da Câmara Manuel, José Drummond, José Maças de Carvalho.

Colóquio 3: Cinema nas Relações Internacionais. O Caso da República Popular da China, Sábado, dia 28, Moderador: Vítor Ramalho. Intervenientes: Ana Catarina Leite, António Loja Neves, Rui Filipe Torres.

Catálogo

O festival é objecto da edição de um catálogo, com textos teóricos dos coordenadores, da direcção e de convidados, sinopses e fichas técnicas dos filmes.

Nota conceptual de programação

“Portugal foi o primeiro país europeu a ter contacto marítimo directo com a China. Esse contacto começou há quinhentos anos e, se no passado o Oriente, e a China em particular, era um lugar exótico e distante, na actualidade, com o desenvolvimento das tecnologias da comunicação, transportes e novos processos migratórios e demográficos, a China e o Oriente são progressivamente vizinhos mais próximos neste mundo contemporâneo onde a deslocação do centro e da periferia parecem ser uma constante. Em particular a China, um dos países líderes na mudança geopolítica mundial, onde as novas dinâmicas sociais como turismo, emigração, comércio, fluxos económicos e financeiros, são de total e incontornável relevância, a China está cada vez mais próximo dos nossos quotidianos.

A cultura é factor de aproximação e de intercâmbio civilizacional, e o cinema em particular é uma expressão cultural da modernidade por excelência. A cultura moderna é, neste sentido específico, profundamente devedora do cinema.

Quando se fala em programar, é uma forma de dizer o que se vai escolher para dar a ver. E o que se escolhe para ser visto por nós e pelo outro resulta do contexto conceptual em que a programação é feita, mas também de outros factores de contexto tais como disponibilidade dos produtores/realizadores a contactar, orçamento, calendários e, tão ou mais importante, o conhecimento que quem programa consegue ter sobre o universo do que programa, e também do universo a quem a programação se destina. A programação que se pretende desenhar não foge deste enunciado.

O cinema, nos seus diversos géneros, ficção, documental, e sub-géneros, drama, acção, ficção científica, etc, é a arte de massa da modernidade. Entendendo-se aqui modernidade como período temporal nas nossas sociedades que tem início com a revolução industrial (o cinema surge não muito depois, e está ligado a este processo), e nos acompanha até este nosso tempo pós-industrial, da sociedade de informação e conhecimento, e do hiper-consumo — a variação de terminologia corresponde a enfoques e autores específicos.

O cinema-arte tornou-se indústria e hoje movimenta triliões de dólares. Mas é a capacidade de comunicar com todos, o cinema-linguagem, o que torna este meio incontornável nas sociedades modernas.

Não há país moderno sem cinematografia própria. O exemplo paradigmático são os E.U.A, que transformaram Hollywood no seu mais poderoso instrumento de política externa e, talvez até, o grande suporte ideológico ao seu poder militar. Isto porque, neste processo intenso de fluxos de informação, as opiniões públicas também condicionam as agendas políticas, e a dimensão imaterial, a comunicação de costumes, hábitos, tradições, estilos de vida, a comunicação da história e do desejo de futuro dos povos, são temas de grande relevância para o desenvolvimento dos povos e das nações.

Na verdade não há cinema, há cinemas.

Este festival que agora se anuncia, tem como frase axiomática “sem o teu olhar não me vejo”, ou seja, é através do outro que me identifico e reconheço, procuramos esse território que é a

materialização de sonhos, desejos, vontades – de encontro, partilha e diferença – porque a identidade, resulta sempre da necessidade da diferenciação do outro. Mas, como demonstra a evidência, sem o outro, não há diferenciação do eu. O mundo é um lugar plural que é mais do que a soma das partes. Há uma ideia de humanidade, coisa comum a todos os homens.

Ocidente e Oriente, terras distantes e imaginadas, tem na relação Portugal-China, uma duradoura plataforma de encontros, e uma das mais ricas e fantásticas aventuras da história do encontro dos povos e das nações e em especial nos países dos cinco continentes, hoje de expressão oficial portuguesa.

Portugal, como nação do renascimento europeu, inventou-se na sua relação com o Oriente. E foi com Portugal que a China conheceu a Europa. Neste encontro de séculos das nossas culturas, a cidade de Macau foi, e é, incontornável. Hoje, Macau assume-se como lugar de construção desse encontro de homens e mulheres, num habitar quotidiano sem barreiras religiosas e étnicas, onde cada um aprende que a experiência da sua existência é mais rica com a experiência da existência do outro.

No desenho da programação assume necessária e igualmente grande relevância, o dar a ver a grande China, na sua multiplicidade geográfica, étnica, cultural, política, económica. Dar a ver a China contemporânea, o seu processo de desenvolvimento moderno e a sua história milenar.

O objectivo da programação é dar destaque aos filmes que pela sua construção narrativa, ou experimentação estética, dão visibilidade a este encontro de pessoas e culturas. É uma programação indicativa, que está longe de esgotar o que em cinema está a ser feito nestas matérias. Um conjunto de filmes de documentário e de ficção, produzidos na última década, que mostram que o nosso olhar só é feliz quando se encontra no olhar do outro.” Rui Filipe Torres

Parcerias Institucionais (em confirmação)

Embaixada de China, UCCLA, Câmara Municipal de Lisboa, Egeac, Cinemateca Portuguesa, ICM (Instituto Cultural de Macau), Fundação Macau, Casa de Portugal em Macau, Instituto do Oriente, Fundação Oriente, Instituto Confúcio, Delegação Económica e Comercial de Macau, Fórum Macau, Instituto Camões, Sociedade Estoril-Sol, Casino de Lisboa, Camara de Comércio Luso-Chinês, REN, Air China, TAP, (Agencias de Viagem), Jornal Tribuna de Macau, RTP, RDP Internacional, RTP Internacional, agencia Lusa. (entre outros a confirmar).

Direcção do Festival

António Loja Neves, Rui Filipe Torres, Luís Costa Brás, Rui D’Ávila Lourido, Carla Fernandes.

